

# AÇÃO DIRETA

SEMANARIO ANARQUISTA

PREÇO Cr\$ 0,50

Diretor: JOSÉ OITICICA

PROCURE SEMANALMENTE  
NAS BANCAS DE JORNAES

Todos os governos contra o trabalhador

Não é sugestivo, trabalhadores, que, para reprimir as greves, coincidam os métodos da Rússia Bolchevique e os da liberal Norteamérica?

Organización obrera de Buenos Aires

ANO I

Rio de Janeiro — Sabado, 22 de Junho de 1946

N.º 10

## ABAIXO A GUERRA

Uma camarilha internacional exploradora proclamou, em nome de um ídolo sangrento: raça, democracia, pátria, ou o que for, o assassinio e a destruição, o roubo e a perversidade, a selvageria mais atroz, como atos legais e gloriosos. Pelas emissoras radiofônicas, pelos jornais e em discursos, oficiais uns, particulares outros, em canções e poesias, nas ruas, escolas e igrejas, nos banquetes dos capitalistas e ministros, foi glorificada essa descáida para a barbarie como atos heroicos.

Indivíduos de todas as raças e cores foram preparados na ciência do aniquilamento mútuo. Criaturas humanas foram trucidadas subitamente e cidades, com seus valores culturais de séculos, caíram em ruínas, sepultando, em poucos dias, horas ou minutos, suas populações inocentes e indefesas. Nas igrejas rezaram os fiéis pela vitória e os padres abençoaram as armas assassinas em nome de Deus, de um deus que proibiu solenemente: **«Não matarás!»**

Essa triste loucura coletiva transformou nossa ter-

ra em manicômio, onde dementes de toda casta, sem saber porque, em nome de símbolos abstratos, se chacinaram reciprocamente.

A humanidade aceitou tudo isso, essa monstruosidade, e praticou-a como coisa natural e inevitável.

Seis longos anos durou esse interminável pesadelo que esmagou o espírito do homem, esse crime horrendo, cujos cúmplices não foram só os governos e as classes capitalistas de todos os países, mas também as igrejas de todas as religiões.

Matanças e incêndios foram celebrados com bandeiras e música; foram os heróis de tais façanhas condecorados com o sinal de Caim, com medalhas e fitinhas, enquanto suas vítimas apodreciam na estremeira capitalista.

Os rios de sangue e o mar de lágrimas canalizaram-se transmutados em ouro para os cofres dos fabricantes e fornecedores de material bélico, instrumento de carnificinas.

Só houve realmente heróis, nessas guerras mundiais, heróis legítimos, os

que se negaram a assassinar e pagaram tal crime nos campos de concentração, nas enxovias, para cevarem a barbaridade dos verdugos. Foram esses os verdadeiros campeões dos princípios humanitários, os únicos de visão clara, os únicos são de espíritos.

Vencedores e vencidos tiveram a mesmíssima immoral moral patrioteira, esse vício perigoso do rebanho, pronto a suicidar-se, impedido por uma venerada estupidez, estupidez tal, que transforma seres humanos em animais ferozes.

Temos de curar tal vício, tal insânia, destruindo a idéia de separação dos povos, combatendo os preconceitos raciais. Para tal cura não vale nada o paliativo das *nações unidas*. Temos de reconhecer, primeiro, que a terra já tem sido, por

demasiado tempo, um vasto manicômio e que o homem de hoje deve diferir, totalmente, do homem das cavernas e não somente por seus métodos hediondos de destruição. Pode-se afirmar, no entanto, que, apesar de suas filosofias, suas religiões, sua moral, é mais desumano, mais irreligioso,

mais canibal que o troglodita das velhas eras. Numa só batalha, trucidavam-se vinte e cinco mil criaturas, mutilavam-se vinte mil! Pois, parece, os patrioteiros e cristãos de toda laia ainda acham pouco!

Veio a bomba atômica, invenção satânica, destruiu duas cidades, queimou-lhes a população viva, culpados e inocentes, e os dirigentes do mundo, todos eles religiosos praticantes, não ficaram satisfeitos. Ainda há inimigos vivos e importa eliminá-los por quaisquer processos, inclusive a fome. São todos canibais envernizados de cristãos.

Sessenta milhões de seres humanos foram sacrificados! Porque? Para que?

Não foi, decerto, para salvar o indivíduo da opressão! O que se salvou foi a *democracia* e a *ditadura vermelha*.

Chame-se *democracia*, chame-se *comunismo*, pouco importa! O que importa, o essencial é a liberdade! Mas, o que traz a liberdade não é a guerra, não são os discursos mentirosos dos marechalíssimos, dos presidentes, dos ministros. O que traz liberdade é o

*amor da liberdade e a prática da liberdade!*

A superioridade militar deu a vitória; porém, essa vitória está sendo um acontecimento vão. A atormentada criatura humana está compreendendo agora quão tremenda a sua ilusão, pois a vitória não lhe deu pão, liberdade, direito de autodeterminação, mas falta de trabalho e, com isso, miséria e fome. Os países dos vencidos converteram-se em campos de concentração e os dos vencedores em pragas de armas e quartéis.

E os culpados? Onde estão os verdadeiros culpados?

Infeliz irmão de trabalho! Serás eternamente vítima de tua cegueira? Sempre maltratado, sempre esmagado, sempre esbulhado! Não fugirás nunca das mãos dos teus verdugos? Abre enfim

os olhos e acorda da tua apatia e varre da terra esses falsos profetas, pois deles só tens de esperar servidão, miséria e desolação.

Abre os olhos e vê o horizonte que te desvenda o anarquismo. Só ele é que te levará, seguramente, à liberdade.

*Germinal*

## HA' FOME NO MUNDO

P. FERREIRA DA SILVA

Para os que sempre passaram fome, dizer-se agora que há fome no mundo não é novidade. Mas, pela insistência com que certos políticos e publicistas burgueses andam apregoando a necessidade de acudir aos famintos da Europa do após-guerra, parece que eles não sabiam ao que se arriscavam quando atiravam lenha à fogueira da guerra. Fizeram o mal e gritam agora por socorro para as suas próprias vítimas. Pobres vítimas, igualadas aos desprotegidos que a fina-flor da burguesia costuma fingir que vai salvar com chás elegantes e saraus de caridade!

Os plutócratas ianques divertem-se às vezes com inquéritos e estatísticas mais ou menos fantasiosas, para tirar conclusões sobre a situação do mundo. Um desenhista qualquer, a soldo de rica empresa publicitária, pegou no mapa do mundo e marcou neles as regiões onde há fome ou fartura. A *Revista Rotaria* de Chicago publicou, em página inteira, o mapa enfeitado com figuras tétricas e pitorescas, simbolizando a situação alimentar das diversas regiões.

Vejamos como se traduzem as figurinhas: há fome na Alemanha do Norte, na Rumânia e na China; escassez premente na Alemanha do Centro, Áustria, Hungria, Iugoslavia, Bulgária e Índia; escassez na Fin-

lândia, Polônia, Alemanha do Sul, Checo-Eslaváquia, Itália, Grécia e Japão; escassez sem necessidade de auxílio na Noruega, Gran-Bretanha, Bélgica, França, Suíça, Portugal, Filipinas e Malaca; escassez com alguma exportação na Holanda, Rússia, e Espanha; abundância com sobras para exportar na Suécia, Dinamarca, Turquia, Palestina, Austrália, Nova-Zelândia, Cuba, Argentina e Brasil.

Como podia parecer mal falar da própria casa, o mapa deixou em branco os Estados Unidos. Para aquele país reservaria o comentarista a missão de salvador do resto do mundo, como se a fome não fôsse uma coisa que existe em toda a parte e pudéssemos acreditar que lá todos conhecem a abundância.

Mas afinal, pela divisão acima transcrita, parece que só há verdadeiramente fome em três países, quando a realidade é muito diferente. Fome não é só passar dias inteiros sem comer, ou semanas inteiras sem pão; fome é privar-se, dia a dia, de substâncias essenciais à nutrição normal; fome é ter uma alimentação escassa em calorias, mal preparada e mal escolhida porque o pobre não pode escolher; fome é o enfraquecimento progressivo, mesmo nas populações tidas como bem abastecidas, porque a injusta divisão das riquezas da terra

cria valores fantásticos fora do alcance dos salários do proletariado.

O "mercado negro" chama-se assim porque é a mais negra das pragas lançadas contra o povo sem recursos; e os burgueses capitalistas nem sequer se envergonham de mencioná-lo por esse nome, que é a sua própria condenação.

A fome em Portugal são 200 gramas de toucinho por mês para os trabalhadores agrários do Alentejo, 2 decilitros de azeite por pessoa, trigo arrebatado pelo governo aos agricultores para que os Grêmios corporativos do estado fascista possam negociá-lo no "mercado negro". Preços que os endinheirados pagam sem discutir e os trabalhadores olham sem lhes poder chegar.

O mundo tem fome porque os alimentos são mal repartidos; porque a propriedade privada cria a desigualdade; porque o capitalismo só pode nadar em fartura no meio da miséria. No entanto, o pão do mundo devia chegar para todos. Não é preciso que o que tem dois pães dê um ao que não tem; ficam ambos com fome. É preciso que a colheita do mundo seja repartida pelos que trabalham, numa sociedade sem parasitas, sem "mercado negro" e sem estatísticas ociosas. É preciso que a terra seja nossa e que a Terra, não o Senhor, nos dê a nós o pão de cada dia.





# DOCUMENTARIO

movimento e a infame traição dos bolchevistas.

A grandiosa epopéia do makhnovismo está cheia de preciosas lições para todos nós anarquistas. Antes de iniciar a publicação dos documentos salvos, e durante a publicação, iremos explicando certos acontecimentos esclarecedores. Eis uma página da obra de P. Archinov. *L'histoire du mouv. makhn.* (138 e sg.) onde se narra o surto das comunas livres.

... Quanto ao povo trabalhador, é precisamente a partir do dia em que fica realmente livre, que ele começa a viver e desenvolver-se intensamente. Os camponeses da região da Gulai-Pole o provaram de todo em todo. Durante mais de seis meses — de novembro de 1918 a junho de 1919 — viveram sem nenhum poder político e, não somente nada perderam dos mútuos laços sociais, senão que criaram nova e superior forma de relações sociais: a comuna de trabalho livre e os *soviets* (conselhos) livres de trabalhadores.

Expulsos os agrários da região libertada, caiu a terra nas mãos dos camponeses. Estes bem compreendiam que nem tudo estava feito, que não bastava apoderarem-se de uma nesga de terra e respirar. Dizia-lhes a vida rude que de toda a parte os espreitavam inimigos e ensinava-lhes, ela, a se unirem.

Em vários pontos, fizeram-se tentativas para organizar a vida em comum.

Mau grado a hostilidade dos camponeses às comunas oficiais (governamentais), em muitos pontos da região de Gulai-Pole, surgiram comunas camponesas, chamadas *comunas de trabalho* ou *comunas livres*. Assim, perto do burgo de Pokrovskoie, organizou-se a primeira comuna livre com

o nome de Rosa Luxemburgo. Os membros eram todos indigentes. A princípio, não tinha essa comuna senão algumas dezenas de pessoas; depois, ascendeu o número a trezentas. Essa comuna foi criada pelos camponeses mais pobres da região; seu nome, dado em memória de Rosa Luxemburgo (1), testemunha a ausência de qualquer espírito de partido dos seus organizadores. Com simplicidade e grandeza de alma próprias do povo, os camponeses honraram a memória de uma heroína da revolução, desconhecida para eles, mas que morrera mártir na luta revolucionária. Ora, a vida interior da comuna em nada condizia com a doutrina por que lutara Rosa Luxemburgo. A comuna assentava no princípio antiautoritário. Desenvolvendo-se, agrandando-se, começava a exercer forte influência nos camponeses de toda a região. As autoridades *comunistas* tentaram intervir na vida interior da comuna, mas não as admitiram. A comuna chamou-se, claramente, *comuna livre, comuna de trabalho*, liberta de qualquer poder (2).

A sete quilômetros de Gulai-Pole, numa antiga propriedade, formou-se outra comuna que reunia camponeses pobres de Gulai-Pole. Chamava-se simplesmente *comuna n.º 1 dos camponeses de Gulai Pole*. Uma vintena de quilômetros além, achavam-se as comunas n.º 2 e n.º 3. Havia outras alhures. E' claro, não eram muitas as comunas e só uma minoria da população abrangeram, sobretudo os que não possuíam bens rurais solidamente instalados e cultivados. Mas, o precioso era que essas comunas haviam sido formadas por iniciativa dos próprios camponeses pobres. A obra

dos makhnovistas os influenciou apenas com a propaganda, na região, da idéia de comunas livres.

As comunas não se criavam frutos de uma fantasia qualquer ou de um exemplo; senão, exclusivamente, em consequência das necessidades vitais dos camponeses que nada possuíam antes da revolução mas, alcançada a vitória, foram tratando de organizar a vida econômica em normas comunais. Não eram, pois, as comunas artificiais dos comunistas, onde se reuniram, habitualmente, elementos ajuntados ao acaso, esbanjadores de sementes e estragadores da terra, sustidos pelo Estado, pelo governo e que vivem do trabalho do povo a que pretendem ensinar a trabalhar. Eram legítimas comunas laboriosas, de rústicos habituados, desde a infância, ao trabalho que sabiam apreciar em si e nos outros. Os camponeses trabalharam, primeiro, para assegurar o pão quotidiano; depois, achava cada qual aí o apoio moral e material de que podia precisar. O princípio de fraternidade e igualdade era mantido integralmente nas comunas. Todos, homens, mulheres e crianças deviam trabalhar na medida de suas forças. As funções organizadoras eram confiadas a um ou dois camaradas que, terminadas elas, voltavam ao trabalho habitual, lado a lado com os outros membros da comuna. E' patente que essas normas sãs e sérias se deviam a terem surgido as comunas num meio laborioso, cujo desenvolvimento seguia rota natural.

Entretanto, esses germens do comunismo livre estavam longe de representar toda a atividade

criadora e construtiva, econômica e social dos camponeses. Ao contrário, esses germens desabrochavam lenta e gradualmente, ao passo que a ambiência política exigia dos camponeses esforços comuns imediatos e de grande envergadura, tensão e atividades gerais. Era indispensável chegar a uma organização uma, não somente nos limites de tal ou qual burgo ou aldeia, senão em distritos e até departamentos (governos) inteiros, enquadrados na região libertada. Importava-lhes dar solução comum a diferentes problemas atinentes a toda a região. Cumpria criar órgãos correspondentes; os camponeses não falharam nisso. Esses órgãos eram os congressos regionais de camponeses, operários e guerrilheiros.

Durante o período em que a região ficou livre, houve três desses congressos. Os camponeses conseguiram ligar-se estreitamente, orientar-se e precisar as tarefas econômicas e políticas que se lhes deparavam.

(Seguir-se-ão outros aspectos importantes)

(1) Revolucionária alemã marxista.

(2) Essa comuna foi destruída aos 9 e 10 de junho de 1919 pelas tropas bolchevistas durante a campanha geral dos bolchevistas contra a região makhnovista. O camarada Kiriakof, camponês indígena e revolucionário eminente, foi declarado, com outros organizadores da comuna, fora da lei. Quando, dias depois, o burgo de Pokrovskoie foi ocupado por tropas de Denikin, estas destruíram definitivamente a comuna e fuzilaram publicamente Kiriakof.

## Vai aparecendo!

O *Correio da Manhã* publicou uma reportagem de Malcolm Hobbs, da O. N. A., em que se conta haverem duas missões americanas penetrado uma, na Ucrânia e a outra, na Bielorrússia, enviadas pela UNRRA.

Funcionários delas, entre eles o marechal Mac Duffie, contam cousas de espantar: deficiência absoluta nos hospitais, nos orfanatos, entre operários. Os trabalhadores braçais têm 4 quilos e meio de carne por mês e assim por diante.

O mais estranho é que só recebem meio quilo por mês os que não trabalham!!!

Como assim? Haverá na Rússia gente que não trabalha?

A missão da Bielorrússia declara que a alimentação de 1200 órfãos depende dois terços da UNRRA!

Ora, a UNRRA é instituto aliado de socorro a países necessitados, famintos, sem roupa.

Essa UNRRA, idéia americana, não entraria na Rússia sem ter sido chamada!

Logo a Rússia, o *paraíso*, virou *inferno*.

Vai aparecendo assim aos olhos do mundo, aquilo tal qual é.

Vai-se confirmando o que têm asseverado os anarquistas: «*Tudo Estado é fonte de miséria para o povo*»!

## Confederação Nacional do Trabalho da Espanha

CIRCULAR N. 2

# ACENTUA-SE A REPRESSÃO

Em Espanha, assumiu a repressão tal caráter, que não podemos ter idéia da sua intensidade atualmente.

Em Espanha, não podem nossos companheiros permanecer tranquilos em parte alguma. Onde quer que se encontrem, são perseguidos. Não podem descansar onde devam recobrar forças para continuar a luta. Não podemos avaliar a crueldade da repressão. Perseguições e detenções ascendem cada dia a maior grau, sobretudo contra os companheiros da nossa organização, isto é, da C. N. T. e do M. L.

Recentemente foram detidos em Madrid os seguintes companheiros: *Lorenzo Iñigo*, secretário do Comitê Nacional da C. N. T.; *Manuel Morell*, vice-secretário; *Juan Manuel Molina* (*Juanel*), *Manuel Fernández*, *José Sánchez Fernández*, *Esteve*, *Eugenio Criado*, *Marino Mera*, *Enrique Espaluis*, da secção jurídica do C. N. da C. N. T.; *Sebastián Martínez del Hoyo*, secretário das Juventudes Libertárias; *José Rosas*, *César Avecilla*, *Amillio Antioles* e An-

*gel Rojo*. Foram presos ainda os delegados das Regionais de Catalunha e Levante. Portanto, todos os detidos são os companheiros que compunham o Comitê Nacional da C. N. T. elevando-se a OITENTA companheiros as detenções. Sobem, porém, a centenas mais em diversas localidades e povoações importantes de toda a Espanha.

No dia 4 do mês de março, foi tirado do cárcere de Bilbao o companheiro Pablo Velasco, secretário da Regional do Norte, com o fim de delatar os companheiros componentes da C. N. T. Submeteram-no a tão bárbaras torturas, que lhe arrancaram as unhas das mãos e dos pés, queimaram-lhe os pulsos com puas elétricas e, ante a atitude natural de silêncio desse companheiro, decidiram os chacais da Falange seu premeditado assassinio. Tiraram-no do cárcere nos últimos dias de abril e o mataram na estrada ali deixando-o.

Isso é pálido reflexo do que ocorre na Espanha com

os nossos companheiros. Pelo que sabemos, avaliaremos o que sucede fatalmente, mas não chegamos a saber com exatidão.

Os falangistas assaltam os cárceres e trucidam a quantos selecionam. Os assassínios em plena rua sucedem-se diariamente e infundem terror.

Nossos companheiros, os homens da C. N. T., perecem constantemente, todos os dias, pois têm de defender-se da bárbara repressão a que estão sujeitos.

A fúria e anseio de extermínio desenvolvidos pelos falangistas amparados por todos os elementos oficiais, isto é, pelos complicados em crimes que cometeram e cometem, sem precedentes, e requintados discípulos de Torquemada. A repressão atual supera os processos inquisitoriais; não tem paralelo senão nos cometidos pelas hienas do fascismo. Compreendemos que a fúria com que procedem provém de quererem defender o regime falangista, preten-

dendo prolongá-lo, conquanto seja certíssimo que vai chegando ao fim. Não podendo escapar à justiça popular, esses que se acham complicados na veredicto que sobre eles, com acertado juízo, arrojará o povo por sua direta responsabilidade em tantos crimes premeditados, exercem e intensificam ferozmente a repressão atual contra o povo e nossos companheiros.

Assim, nossos companheiros e nosso povo estão acoçados num círculo repressivo sem precedentes, círculo de vida ou morte.

Nos cárceres e em todas as ruas da Espanha, nossos companheiros estabeleceram suas operações, expõem a vida e entregam-se à morte com valentia, sem pensar nisso. Não premeditam, não calculam; já estão vencidos de que a única solução é atuar. Conhecem perfeitamente que é na rua, em plena rua, que se conquista a liberdade. Por isso, o campo de operações para libertar os companheiros

que se encontram nos cárceres, presídios e campos de concentração o escolheram eles próprios; a rua onde encontram a morte, sendo esta preferível a continuarem vegetando no presídio de Franco e Falange.

Por tudo isso pedimos, por isso informamos a todos os companheiros que nos ponhamos em atividade. Não queremos que recebais as presentes notícias e fiqueis inteirados de tudo apenas o que ocorre. Os companheiros de Espanha precisam de que nos ponhamos em ação, a ação de que somos capazes em todos os casos de justiça a que jamais nos temos negado.

Por isso, requeremos a todos a máxima atividade, ação certa e os melhores atos para beneficiar aos companheiros na triste situação repressiva em que se encontram submetidos na Espanha.

24 de Maio de 1946.

O Comitê Nacional da C. N. T.